

AGATHA CHRISTIE

A MALDIÇÃO DO ESPELHO

(The mirror crack'd from side to side)

Tradução de

ANA MARIA MANDIM

Para Margaret Rutherford
com admiração

Fora a teia se abria e esvoaçava;
O espelho quebrou de lado a lado:
“A maldição se abateu sobre mim”,
gritou a Lady de Shalott.

1

Miss Jane Marple estava sentada à janela de onde se avistava um jardim que em outros tempos constituíra para ela fonte de orgulho. Isto não acontecia mais. No momento, proibida que estava de praticar jardinagem por algum tempo, olhava pela janela e suspirava. Nada de abaixar-se, cavar ou plantar — no máximo podar alguns galhos, coisa leve. O velho Laycock vinha três vezes por semana e fazia, sem dúvida, o melhor que podia. Mas o que ele considerava o máximo (e que não era muito), correspondia às suas próprias idéias e não às de sua patroa. Miss Marple sabia exatamente o que queria e quando deveria ser feito, e o instruía pachorrentamente. Nestas ocasiões, o velho Laycock exibia um talento particular que consistia em concordar entusiasticamente de início e manter-se absolutamente inativo depois. — Está certo, madame. A primeira coisa que será feita na próxima semana, como a senhora quer, será plantar os copos-de-leite e as campainhas-de-jardim ao longo do muro.

As desculpas de Laycock eram sempre razoáveis e pareciam-se muito com as do capitão George em “Três Homens num Barco”¹, quando evitava sair ao mar. No caso do capitão, o vento estava sempre errado, soprando da margem ou para a margem, vindo do Oeste instável ou mesmo do traiçoeiro Leste. A desculpa de Laycock era o tempo. Muito seco — demasiado úmido — encharcado — um indício de geada no ar. Ou ainda, alguma coisa extremamente importante tinha que ser feita antes (normalmente tratar dos repolhos e das couves-de-bruxelas que gostava de cultivar em quantidades exageradas). Os princípios de jardinagem de Laycock eram simples, mas nenhum patrão, mesmo inteligente, conseguiria fazer com que abrisse mão deles.

Consistiam numa grande quantidade de xícaras de chá doce e forte um estímulo ao esforço, boas varreduras nas folhas de outono e alguma atividade

¹ Three Men in a Boat, novela humorística do escritor britânico Jerome K. Jerome.

de replantio de mudas das suas plantas favoritas — principalmente ásteres e sálvias — para “fazer bonito” no verão, como costumava dizer. Era completamente a favor de injetar substâncias nas rosas para exterminar os pulgões, mas demorava bastante para fazê-lo, e um pedido para que cavasse mais as valetas das peras-doces era usualmente negado com a observação de que você precisava ver as peras-doces que ele plantava! Um tratamento apropriado uma vez por ano e nada de fantasias.

Para simplificar, ele era fiel aos padrões, condescendia com as suas fantasias em matéria de horticultura (desde que elas não implicassem em trabalho duro), mas sabia que os vegetais são a única coisa sólida na vida; um bonito Savoy ou um pedaço de caule fibroso; flores eram coisas fantasiosas de que se ocupavam as madames com muito tempo vago. Ele demonstrava afeição fazendo presente das acima mencionadas ásteres, sálvias, lobélias graúdas e crisântemos de verão.

— Tenho feito algum trabalho nas casas novas, lá no Desenvolvimento. Querem os jardins bem tratados, sim senhor. Como têm mais plantas do que precisam, trouxe algumas comigo e plantei-as no lugar daquelas rosas antigas, que não estavam muito bonitas.

Pensando nestas coisas, Miss Marple desviou o olhar do jardim e pegou o tricô.

Tinha-se que encarar o fato: St. Mary Mead não era mais o mesmo lugar. Em certo sentido, naturalmente, todas as coisas tinham mudado. Você poderia culpar a guerra (as duas) ou a nova geração, ou as mulheres trabalhando fora, ou a bomba atômica, ou apenas o Governo, mas o que realmente fazia sentido era o simples fato de que se estava envelhecendo. Miss Marple, que era uma velha senhora muito sensível, sabia perfeitamente disso. Apenas, de uma maneira singular, ela o sentia mais em St. Mary Mead, porque ali fora seu lar por muito tempo.

O velho coração de St. Mary Mead ainda estava lá. O “Javali Azul”, a igreja e a paróquia, e o pequeno núcleo de Queen Anne e das casas de estilo georgiano, das quais uma era a sua. A casa de Miss Hartnell ainda permanecia lá,

com a própria Miss Hartnell lutando contra o progresso até o último fôlego. Miss Wetherby morrera e a casa era habitada agora pelo gerente do banco e família, com uma nova fachada, portas e janelas pintadas de azul real brilhante. Havia pessoas novas em muitas das outras casas antigas, mas elas pareciam ter sofrido poucas modificações, uma vez que os novos compradores gostavam do que o corretor chamava de “um charme da velha época”. Apenas acrescentavam um outro banheiro e gastavam um bom dinheiro com bombeiros, eletricitas e lavadoras de pratos.

Embora as casas ainda mantivessem a antiga aparência, dificilmente se poderia dizer o mesmo da rua principal. Lá, quando as lojas trocavam de mãos era com vistas a uma modernização imediata e exagerada. A peixaria estava irreconhecível com as novas superjanelas através das quais o refrigerador de peixes faiscava. O açougueiro ainda era conservador — carne boa é carne boa se você pode pagar por ela. Se não, pode se contentar com os pedaços mais baratos e as carnes duras! Barnes, o verdureiro, ainda estava lá e era o mesmo, pelo que Miss Hartnell, Miss Marple e outras davam graças aos céus diariamente. Cadeiras irresistíveis e confortáveis para se sentar ao balcão e aconchegantes bate-papos sobre como cortar toucinho e as variedades de queijos. Entretanto, no final da rua, onde antigamente Mr. Tom tinha uma loja de cestas, erguia-se um novo e brilhante supermercado — anátema para as damas mais velhas de St. Mary Mead.

— Montes de coisas de que ninguém nunca ouviu falar — exclamava Miss Hartnell. — Todos aqueles enormes pacotes de cereais, em vez de se cozinhar para uma criança uma refeição apropriada de toucinho e ovos, E é você mesma que deve pegar a cesta e andar por ali procurando as coisas. Às vezes gasta-se quinze minutos para encontrar tudo que se quer, e é tudo empacotado em tamanhos inconvenientes, muito pouco ou em excesso. E então tem-se que esperar para pagar em uma longa fila quando se vai embora. Muito cansativo. Naturalmente, é muito bom para o pessoal do Desenvolvimento. Neste ponto ela parava.

Porque, como todos sabiam, o comentário acabava ali. O

Desenvolvimento, O Tempo Atual, como diziam modernamente, tinha uma essência própria e uma letra maiúscula.

Miss Marple proferiu uma súbita exclamação de aborrecimento. Tinha perdido um ponto de novo. Não apenas isto, devia tê-lo deixado cair há algum tempo. E só percebera o fato quando teve que baixar a cabeça para contá-los. Pegou uma outra agulha, suspendeu o tricô contra a luz e observou atentamente. Os óculos novos não eram de grande valia. E isto acontecia, refletiu, porque obviamente chegava um tempo em que os oculistas, a despeito de suas luxuosas ante-salas, instrumentos ultramodernos, luzes intensas que jogavam dentro dos olhos e os altos preços que cobravam, não adiantavam muito mais. Miss Marple recordou-se, com alguma nostalgia, da sua excelente visão de alguns (bem, talvez não fossem apenas alguns) anos atrás. De seu jardim, vantajosamente localizado, tão bem situado que permitia ver tudo que se passava em St. Mary Mead, muito pouco havia escapado ao seu olho observador! E com a ajuda do binóculo de pássaros (interessar-se por passarinhos era tão útil!) tinha conseguido ver — aqui ela deixou que seus pensamentos voltassem ao passado — Ann Protheroe com um vestido de verão indo para o jardim da paróquia. E o Coronel Protheroe, pobre homem, muito cansativo e desagradável, mas ser morto daquela maneira. Sacudiu a cabeça e continuou pensando em Griselda, a esposa jovem e bonita do Pastor. Querida Griselda, uma amiga tão fiel, todos os anos um cartão de natal. Aquele seu bebê encantador era agora um rapaz robusto e com um ótimo emprego. Engenharia, não era? Ele sempre costumava brincar de desmontar seus trens mecânicos. Depois da paróquia ficava uma escada e os campos com o gado do fazendeiro Giles, além nos prados onde agora — agora...

O Desenvolvimento.

E por que não? Miss Marple questionou-se firmemente. Essas coisas tinham que acontecer. As casas eram necessárias e bem construídas, ou pelo menos era isso que lhe tinham falado. “Planejamento”, ou como quer que o chamassem. Só que não conseguia entender por que todas as coisas tinham que ser chamadas de vilas. Vila Aubrey, Vila Longwood e Vila Grandison, e o restante. Mas não eram vilas de maneira nenhuma. Miss Marple sabia

perfeitamente o que era uma, porque seu tio fora cônego da Catedral de Winchester, e quando criança tinha ido passar algum tempo com ele.

Acontecia o mesmo quando Cherry Baker chamava o escritório atulhado de Miss Marple de “depósito” Miss Marple corrigia gentilmente. — É o escritório, Cherry. E Cherry, porque era jovem e gentil, esforçava-se para lembrar, embora fosse óbvio que para ela “escritório” era uma palavra muito engraçada e “depósito” ajustava-se perfeitamente. Por fim ela concordara com “sala-de-estar”. — Miss Marple gostava muito de Cherry. Seu nome era Mrs. Baker e ela vinha do Desenvolvimento. Pertencia ao destacamento de jovens esposas que compravam no supermercado e empurravam carrinhos de criança pelas ruas tranqüilas de St. Mary Mead. Todas eram vistosas e bem vestidas, com cabelos crespos e anelados. Riam, conversavam e chamavam-se umas às outras, parecendo um bando feliz de pássaros. Devido às insidiosas ciladas das compras a prazo, precisavam sempre de ter dinheiro à mão embora seus maridos ganhassem bons salários; ofereciam-se então para fazer a limpeza de casas e cozinhas. Cherry era uma cozinheira eficiente e rápida, uma moça inteligente, que anotava corretamente os recados por telefone e percebia rapidamente os erros nos livros de contas dos comerciantes. Não era muito dada a arejar os colchões e quando começava a lavar os pratos, Miss Marple passava pela porta da copa com a cabeça virada para não ver o método que Cherry usava, e que consistia em jogar tudo dentro da pia e despejar em cima um monte de sabão em flocos. Silenciosamente, Miss Marple retirara o velho serviço de chá Worcester do uso diário e o colocara no canto do gabinete de onde só emergia em ocasiões especiais. No lugar, pusera um serviço moderno de padrão cinza e branco, e nada de dourados no que fosse ser lavado na pia.

Como tinha sido diferente no passado. A fiel Florence, por exemplo, aquela criada granadeira, e Amy, Clara e Alice, aquelas “ótimas empregadas” vindas do Orfanato de St. Faith para serem treinadas e irem depois para empregos com melhores salários. Algumas eram bem simples, outras com adenóides e Amy, seguramente, uma retardada mental. Bisbilhotavam e fofocavam com as outras empregadas da cidade, saíam com o empregado da peixaria ou com o

ajudante de jardineiro do Hall ou com um dos numerosos ajudantes do verdureiro Barnes. A mente de Miss Marple voltava-se para elas afetuosamente, pensando nos pequenos casacos de lã que tricotara para a sua partida. Não sabiam atender direito o telefone, nem eram muito boas em aritmética. Por outro lado, sabiam lavar a louça e fazer uma cama. Tinham mais talento que educação. Era estranho que hoje em dia garotas educadas procurassem trabalhos domésticos. Estudantes de outros países, garotas aos pares, estudantes universitários em férias e jovens mulheres casadas como Cherry, que viviam nas vilas espúrias dos novos edifícios do Desenvolvimento.

Ainda existia, por exemplo, gente como Miss Knight. Este último pensamento ocorreu subitamente quando os passos de Miss Knight no andar de cima fizeram com que os lustres sobre a lareira tilintassem em advertência. Agora Miss Knight terminara a sesta e ia sair para um passeio. Dentro em pouco, ela viria perguntar se Miss Marple desejava alguma coisa do centro. Pensar em Miss Knight provocou a reação usual na mente de Miss Marple. Claro que era uma grande generosidade do querido Raymond (seu sobrinho) e ninguém poderia ser mais prestativo que Miss Knight, além do que aquele ataque de bronquite tinha deixado Miss Marple enfraquecida, e o Dr. Haydock fora incisivo ao declarar que ela não podia continuar dormindo sozinha na casa, sem que alguém viesse vê-la todos os dias, mas — Parou aí porque era inútil completar o pensamento “Se ao menos fosse outra pessoa em vez de Miss Knight”. Não havia muito o que escolher entre as damas idosas, atualmente. Serviçais devotadas estavam fora de moda. Se você ficasse doente mesmo, poderia encontrar uma enfermeira de hospital caríssima e só depois de procurar muito; ou então podia ir para o hospital. Mas depois que passasse a fase crítica da doença estaria de volta às Misses Knights.

Não havia nada de errado com as Misses Knights exceto pelo fato delas serem loucamente irritantes. Eram cheias de delicadeza, atenção e prontas para se afeiçoarem às suas pacientes, distraí-las, serem entusiásticas e animadas e, em geral, tratá-las como se fossem crianças afetadas por delicados problemas mentais.

— Mas eu — disse Miss Marple para si — embora seja velha, não sou uma criança retardada.

Neste momento, ofegando como de costume, Miss Knight irrompeu animadamente no quarto. Era grande, um tanto balofa, com cinqüenta e seis anos e cabelos cinza-amarelados, arrumados com esmero, óculos, um nariz comprido e fino e abaixo dele uma boca bem-humorada e um queixo fraco.

— Aqui estamos! — exclamou com uma espécie de radiante impetuosidade própria para alegrar e estimular o triste crepúsculo dos velhos.

— Espero que nós tenhamos tirado uma soneca?

— Eu estive tricotando — replicou Miss Marple, pondo alguma ênfase no pronome — e — continuou, confessando sua fraqueza com desgosto e vergonha — deixei cair um ponto.

— Oh, querida, querida — disse Miss Knight. — Bem, logo consertaremos isso, não é?

— Você o fará — disse Miss Marple — porque eu, infelizmente, não consigo fazê-lo.

O ligeiro azedume do tom passou despercebido. Miss Knight estava ansiosa para ajudar, como sempre.

— Aqui está — disse após alguns momentos. — Aqui está, querida. Agora está certo.

Embora fosse perfeitamente agradável para Miss Marple ser chamada querida (ou até “fofa”) pela mulher da quitanda ou pela garota da papelaria, o fato de ser chamada “querida” por Miss Knight aborrecia-a intensamente. Era outra dessas coisas que as senhoras idosas tinham que suportar. Agradeceu polidamente a Miss Knight.

— E agora vou sair para o meu pequeno passeio — disse Miss Knight comicamente. — Não demorarei.

— Por favor, nem pense em se apressar — disse Miss Marple, delicada e sinceramente.

— Bem, não gosto de deixá-la sozinha por muito tempo, querida. Você pode ficar deprimida.

— Asseguro que me sinto bastante feliz — disse Miss Marple. — Eu provavelmente (ela cerrou os olhos) dormirei um pouco.

— Está bem, querida. Quer que traga alguma coisa?

Miss Marple abriu os olhos e considerou.

— Você poderia ir ao Longdon's e verificar se as cortinas estão prontas. E talvez trazer-me um outro novelo da lã azul de Mrs. Wisley E uma caixa de losangos de groselha preta da farmácia. E troque o livro na biblioteca, mas não aceite nenhum que não esteja na minha lista. O último era terrível. Eu não consegui ler. Ela estendeu O Despertar da Primavera.

— Oh, querida, querida! Você não gostou dele? Eu pensei que tivesse adorado! Uma história tão bonita.

— E se não fosse demais, você poderia ir ao Hallets e ver se eles têm ^{um} daqueles licores de ovos, mas não do tipo que se bebe de um gole só!

(Ela sabia muito bem que eles não tinham nada no gênero, mas a ^{Hallets} era a loja mais distante dali.)

— Se isso não for pedir muito — murmurou. Mas Miss Knight replicou com evidente sinceridade.

— De jeito nenhum. Ficarei encantada.

Miss Knight adorava fazer compras. Era a coisa mais importante da sua vida. Podia-se encontrar os amigos e a chance para uma conversa.

^{Bisbilhotava-} se com os empregados e tinha-se a oportunidade de examinar vários artigos ^{em} várias lojas. E muito tempo podia ser gasto nessas ocupações agradáveis, sem nenhum sentimento de culpa em relação à hora de voltar.

Miss Knight saiu de casa feliz, depois de uma última olhada à frágil velhinha que descansava tão pacificamente perto da janela.

Após esperar alguns momentos, para o caso de Miss Knight retornar à procura de sua bolsa de compras, carteira ou um lenço (ela era uma grande esquecida e “voltadeira”), e também para recuperar-se da leve fadiga mental provocada pelo fato de ter pensado em tantas coisas que não queria para Miss Knight comprar, Miss Marple colocou-se bruscamente de pé, pôs o tricô de lado e caminhou decididamente do quarto para o vestíbulo. Tirou o casaco de verão do

cabide, uma bengala do aparador e trocou os chinelos por um par de robustos sapatos. Então, saiu de casa pela porta do lado.

— Ela levará pelo menos hora e meia — estimou Miss Marple para si mesma. — É muito provável, com toda aquela gente do Desenvolvimento fazendo compras.

Miss Marple visualizou Miss Knight no Longdon's fazendo perguntas inúteis sobre cortinas. Suas suposições eram notavelmente acuradas. Naquele momento Miss Knight exclamava:

— Naturalmente eu tinha certeza de que elas ainda não estavam prontas. Mas disse que viria ver quando ela falou nisso. Pobres velhinhas queridas, elas têm tão pouco que esperar! Temos que fazer as suas vontades. E ela é tão doce. Um pouco esquecida, mas o que é que se poderia esperar? Suas faculdades ficaram obstruídas. Mas que bonito tecido você tem aqui! Há outras cores?

Vinte minutos agradáveis tinham-se passado. Quando Miss Knight finalmente foi embora, a caixeira mais velha disse com uma fungadela:

— Ela, caducando? Só acredito se vir com meus próprios olhos. A velha Miss Marple foi sempre atilada com uma agulha e eu diria que ainda é. — Então deu atenção a uma jovem de calças apertadas que queria material plástico e ganchos para fazer cortinas de banheiro.

— Emily Waters, é quem ela me lembra — dizia Miss Marple para si com a satisfação que sempre sentia quando podia comparar uma personalidade com alguém do passado. — O mesmo cérebro de passarinho. Deixe-me ver, o que aconteceu a Emily?

Não muito, foi a conclusão. Certa vez quase se casou com um cura e depois de um relacionamento de vários anos o caso tinha malogrado. Miss Marple expulsou a enfermeira do pensamento e deu atenção aos arredores. Ela atravessara rapidamente o jardim observando de relance que Laycock havia cortado as rosas antigas de uma forma que seria mais apropriada para os chás híbridos. Mas ela não deixou que isso a entristecesse ou a distraísse do delicioso prazer de ter escapado para uma saída por conta própria. Tinha uma feliz sensação de aventura. Virou para a esquerda, passou pelo portão da paróquia,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

